

## liz basso antunes de oliveira cleiser schenatto

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
[liz.basso.oliveira@gmail.com](mailto:liz.basso.oliveira@gmail.com)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
[cleiserschenatto@hotmail.com](mailto:cleiserschenatto@hotmail.com)

### oralidade e escrita em *eva luna* de isabel allende: alusão à transição das mulheres entre o silêncio e a voz

Oralidad y escritura en *Eva Luna* de Isabel Allende: alusión al tránsito de las mujeres entre el silencio y la voz

Orality and writing in *Eva Luna* by Isabel Allende: allusion to the transition of women between silence and voice

recibido 30/07/2021  
aceptado 29/06/2022

#### RESUMO

Este trabalho analisou a obra *Eva Luna* (2010), de Isabel Allende, a fim de compreender a relação entre as experiências da protagonista-narradora e o percurso das mulheres ocidentais entre silêncio e voz. No que se refere ao silenciamento feminino a partir da democratização da escrita, os estudos de Ria Lemaire (1994) foram imprescindíveis. A contribuição do acesso à escrita e à literatura para a resistência feminina perante o patriarcado foi evidenciada, principalmente por meio da perspectiva de Lúcia Osana Zolin (2005). Constatou-se que a obra em questão faz alusão à obtenção de direitos das mulheres a partir da alfabetização.

#### PALAVRAS-CHAVE

Silenciamento, oralidade, autoria feminina, resistência, Isabel Allende.

#### RESUMO

Este trabajo analiza la obra *Eva Luna* (2010), de Isabel Allende, con el fin de comprender la relación entre las vivencias de la protagonista-narradora y el camino de las mujeres occidentales entre el silencio y la voz. Con respecto al silenciamiento de las mujeres desde la democratización de la escritura, los estudios de Ria Lemaire (1994) fueron fundamentales. Se evidenció la contribución del acceso a la escritura y a la literatura para la resistencia de las mujeres al patriarcado, principalmente a través de la perspectiva de Lúcia Osana Zolin (2005). Resultó que el libro en cuestión alude al logro de los derechos de las mujeres desde de la alfabetización.

#### PALABRAS CLAVE

Silenciamiento, oralidad, autoría femenina, resistencia, Isabel Allende

#### ABSTRACT

This work analyzed *Eva Luna* (2010), written by Isabel Allende, in order to understand the relationship between the experiences of the protagonist-narrator and the path of Western women between silence and voice. In regards to the silencing of women since the democratization of writing, the studies of Ria Lemaire (1994) were essential. The contribution of access to writing and literature to women's resistance front patriarchy was evidenced, mainly through the perspective of Lúcia Osana Zolin (2005). Resulted that the novel in question alludes to obtaining women's rights from literacy.

#### KEYWORDS

Silencing, orality, female authorship, resistance, Isabel Allende.

#### INTRODUÇÃO

Este artigo é fruto da dissertação intitulada *Eva Luna e a Resistência: Deslocamentos, Narrativas e Transgressões*, apresentada em junho de 2021, para obtenção do título de mestre no Programa de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, em Sociedade, Cultura e Fronteiras, pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, no Brasil.

*Eva Luna*, narrada em primeira pessoa, protagonista que dá nome à obra aqui analisada, faz alusão à exclusão das mulheres do universo letrado. A vida da protagonista é atravessada pelo autoritarismo exacerbado, pela orfandade, pela miséria, pelo longo analfabetismo e por pro-

blemáticas de gênero. Mesmo diante de adversidades busca atravessar as fronteiras com as quais se depara. O talento para a contação de histórias lhe confere sobrevivência e possibilidade de enfrentamento perante violências simbólicas, por meio de narrativas orais conquista amizades que a protegem até o momento em que é alfabetizada. A partir disso Eva alcança maiores possibilidades de desafiar o “destino de mulher”. Unindo o talento com a alfabetização, faz da escrita instrumento de resistência.

Objetivando compreender a relação entre as experiências de *Eva Luna* e o percurso das mulheres ocidentais para a aquisição do direito à voz, primeiramente realizou-se uma revisão histórica da conquista das mulheres pelo direito à educação, que as possibilitou maior assimilação das problemáticas que as subalternizavam, podendo assim, por meio de diversos instrumentos, enfrentar e transformar as hierarquias de gênero. Para isso, os estudos de Ria Lemaire (1994) foram essenciais.

A partir do acesso ao universo letrado, a literatura de autoria feminina se tornou uma das ferramentas para desconstrução dos estigmas relacionados às identidades femininas. A perspectiva de Lucia Osana Zolin (2005), contribuiu para compreender a relação entre literatura escrita por mulheres e a resistência feminina.

Reflexões acerca do patriarcado foram apresentadas, enfatizando a perspectiva de Pierre Bourdieu (2019), em *A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica* (2019), dialogando com as perspectivas de outras teóricas latino-americanas que contemplam o tema. A subalternização feminina advém de diversos instrumentos culturais, entre os quais, neste estudo, se destaca a fronteira simbólica entre o silêncio e o grito (aqui, grito refere-se às manifestações de resistência). O sociólogo demonstra que a cultura patriarcal é estruturada em fronteiras entre masculino e feminino e aponta que a voz foi conferida aos homens, enquanto no sistema de oposição, o silêncio foi conferido às mulheres.

Sendo que a protagonista-narradora é marginalizada não apenas por ser mulher, mas também pela classe social desprivilegiada a qual pertence e que é através do acesso à escrita que consegue atravessar a fronteira entre a voz e o silêncio, a pesquisa dedicou-se a compreender a alusão do percurso das mulheres representadas por *Eva Luna*.

## PALAVRA AO ALCANCE DAS MULHERES: EDUCAÇÃO E LITERATURA

Isabel Allende publicou *Eva Luna* originalmente em 1987, enquanto estava exilada na Venezuela devido à Ditadura Cívico-Militar chilena. Apesar de distante a autora confessa ter mantido sua atenção voltada ao Chile durante todo o período em que Augusto Pinochet governou o país (Allende 2020). Por isso, a pesquisa se concentrou sobretudo em questões chilenas, mesmo que não seja possível indicar com precisão o lugar onde a trama da obra se passa.

A autora não faz referência direta a nenhum personagem do período ditatorial chileno e nem menciona o país. Mesmo indiretas, as alusões são perceptíveis por meio de temáticas que perpassam desde o autoritarismo exacerbado, até o contraste acentuado entre as características femininas e masculinas, próprios das ditaduras. Aponta-se também para a possibilidade de que tais características sejam percebidas como representações do contexto latino-americano, já que o espaço geocultural apresenta em si fatores que o confere certa unificação, como a colonização europeia, as heranças culturais, a aniquilação dos povos originários, o subdesenvolvimento, a sucessão de regimes ditatoriais.

Sendo assim, a fim de compreender a relação entre as experiências da protagonista-narradora e o percurso das mulheres ocidentais para a conquista do direito à voz, primeiramente foram avaliadas algumas questões sócio-histórico-culturais, evidenciando particularidades chilenas, para buscar entender aspectos da subalternização feminina. Dessa forma, identificou-se consequências da exclusão das mulheres no processo de democratização da escrita no Ocidente e sua tardia incorporação no ambiente educacional.

Segundo a psicóloga, pesquisadora na área de estudos de gênero e ativista feminista argentina, Gloria Bonder em *Mujer y Educación en América Latina: hacia la igualdad de oportunidades* (1994), o acesso à educação pelas mulheres latino-americanas ocorreu em épocas bastante aproximadas. Em 1990, no Chile, os números de analfabetos variavam principalmente no que diz respeito à população que vive nas áreas rurais. Após a conquista do direito à educação, com o passar dos anos, as desigualdades no âmbito educacional chileno não evidenciavam as relações de gênero, mas sim as classes sociais (Bonder).

A protagonista-narradora, *Eva Luna* permanece analfabeta até seus quinze anos, quando é resgatada da rua por Riad Halabí que a propor-

ciona a oportunidade de estudar com a Professora Inês. É por meio do acesso à educação que a personagem atinge maior autonomia, conseguindo atravessar os limites que a colocam em um lugar de pobreza, de maior exploração da força de trabalho, e da condição feminina: “Riad Halabí deu-me várias coisas fundamentais para transitar através de meu destino e, entre elas, duas muito importantes: a escrita e um certificado de existência” (Allende, 2010: 156). Dessa forma, a personagem parece representar a atardada transição das mulheres da oralidade para a escrita.

A brasileira, doutora em Letras e atualmente professora emérita da Universidade de Poitiers, na França, Ria Lemaire, em *Repensando a História Literária* (1994), destaca que as desigualdades entre os sexos surgiram no Ocidente a partir da transição da tradição oral para a cultura escrita. Descreve as comunidades tradicionais europeias antes da inserção da escrita, apontando para a igualdade de relevância das tradições masculinas e femininas em suas expressões enquanto predominava a cultura oral, apesar de acontecerem em universos culturais separados, constituídos de saberes diferentes um do outro: “suas próprias formas de lidar com o amor, a vida, a morte, a natureza e a religião, suas próprias canções e gêneros literários, seus próprios instrumentos musicais e até suas próprias formas de dançar e cantar” (Lemaire 63). Existia uma exclusão do sexo oposto no universo de ambos, mas segundo ela, ainda não havia a afirmação de superioridade ou inferioridade de um sobre o outro.

A partir do momento em que a cultura escrita, imposta por uma elite, foi introduzida na Europa durante a Idade Média, foi que a distância entre os universos masculinos e femininos se alargou demasiadamente. O latim em coalizão com o cristianismo formava uma cultura superior, da qual progressivamente as mulheres foram sendo excluídas.

Nas sociedades europeias, isto determinou uma defasagem entre a tradição e o saber oral local – que pertencia a todos os membros da comunidade, mulheres e homens – e uma elite masculina que se utilizou do latim e da tecnologia da escrita para impor suas visões de mundo e criar centros elitistas da cultura escrita. . . No discurso das ciências humanas, a introdução da escrita e a invenção da imprensa sempre foram representadas como um progresso para todos os seres humanos, apesar de suas consequências terem sido marcadamente diferentes para mulheres e homens. Na realidade, estas tecnologias foram usadas, por uma pequena elite, como instrumentos de poder para ampliar a distância entre o povo e a elite (Pattison), entre mulheres e homens (Ong) (Lemaire 62-3).

O advento da cultura escrita fez com que as tradições orais e as expressões do universo feminino fossem silenciadas, ou, no mínimo, vistas como inferiores. Tais consequências foram aos poucos sendo estendidas para os países da América Latina, por meio da colonização espanhola e portuguesa, e impuseram violentamente aos povos nativos a religião católica, a cultura patriarcal e, aos poucos, silenciaram quase que completamente a cultura dos povos nativos.

Os nativos das américas eram considerados “não civilizados”, ou seja, eram vistos pelos colonizadores como selvagens e inferiores em termos de cultura e intelecto (Schneider). Da mesma maneira, a distinção feita por estudiosos das tradições orais e da cultura escrita, os quais relacionavam a oralidade à mente selvagem e a escrita à mente domesticada (Ong), tal como, simultaneamente, o sistema simbólico distingue todas as características das mulheres como selvagens em oposição às masculinas civilizadas (Bourdieu).

Segundo o filósofo e historiador Walter Ong (1998), estudiosos que se debruçaram sobre a oralidade e a escrita verificaram a conexão destas com a mente selvagem e a mente domesticada, ou a oposição ainda mais comum: magia/ciência, as quais se assemelham as oposições apresentadas por Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2019). As estruturas sociais que sustentam a dominação masculina se amparam em um sistema simbólico composto por oposições entre características e instituições femininas e masculinas, em que as mulheres são relacionadas à magia, bruxaria, natureza selvagem, ao ordinário, e os homens relacionados à religião, ao oficial, à razão, ao extraordinário, além de muitas outras noções opostas. Tais similitudes provocam atenção para a relação das origens hierárquicas entre os sexos com a transição entre oralidade e escrita.

Pierre Bourdieu (2019), dialogando com os estudos de Ria Lemaire (1994) e Walter Ong (1998), permite o aprofundamento nas origens hierárquicas entre os sexos e suas consequências a longo prazo. A exclusão das mulheres no processo de democratização da escrita no Ocidente, parece repercutir em características que associam inferioridade a elas, características que continuam a se propagar mesmo após mais de século que as mulheres têm acesso em grande escala à cultura escrita.

Segundo Ong (1998), a ciência moderna nasceu em solo latino, pois a maior parte dos cientistas e filósofos escreviam e elaboravam pensa-

mentos abstratos em latim. Sobre o latim culto e o seu uso totalmente masculino, continua:

Em virtude de sua base na academia, que era totalmente masculina - com exceções raras o bastante para ser descartadas -, o latim culto teve uma outra característica em comum com a retórica, além de sua proveniência clássica. Durante mil anos, estava vinculado ao sexo, uma língua escrita e falada apenas por pessoas do sexo masculino, aprendida fora do lar, em um cenário tribal que era, na verdade, um cenário de rito de puberdade masculino, parte do castigo físico e de outros tipos de opressão deliberadamente impostos (Ong 113-41; 119-48). Ele não tinha nenhuma vinculação direta com o inconsciente de qualquer pessoa do tipo que as línguas maternas, aprendidas na infância, sempre têm (Ong 130)

Não sendo uma língua materna, apenas quem tivesse acesso ao latim e à escrita poderia ter conhecimento sobre o que era produzido cientificamente, o que designava grande poder àqueles que a aprendiam. As línguas cultas eram apreendidas fora do lar, o que dificultava ainda mais o caminho para as mulheres, que estavam confinadas ao âmbito doméstico.

Atualmente, todas as línguas cultas também são línguas maternas, facilitando o acesso ao conhecimento e a memorização das culturas diversas (Ong). Sempre que necessário, a escrita possibilita revisitar as páginas do passado, o que não ocorria em tradições orais: necessitavam do hábito da conversação e repetição para lembrar a história que parecesse mais interessante e, da mesma forma, facilmente esqueciam o que não parecia vantajoso lembrar.

Durante o desenvolvimento das línguas latinas faladas hoje –português, espanhol, italiano, francês, catalão, galego, provençal e romeno–, a democratização da escrita teve um alcance muito maior do que no momento da interação entre cristianismo, latim e homens.

Assim, progressivamente, as mulheres foram rompendo fronteiras, subvertendo a ordem aparentemente natural das coisas. No Chile, as mulheres conquistaram o direito à educação superior em 1877, graças à desobediência das professoras Isabel Le Brun (1845-1930) e Antonia Tarragó (1832-1916), quando resolveram tentar matricular suas alunas na universidade, causando a percepção de que “não havia mais razão para proibir o acesso das mulheres ao ensino superior além de seu confinamento obrigatório às tarefas domésticas” (Contreras 220).

Entretanto, como todos os direitos adquiridos pelas mulheres, houve um longo processo de enfrentamento para que as mulheres chilenas conquistassem o acesso à uma educação que consistisse em verdadeiramente ensinar-lhes a pensar e atuar por si mesmas. Antes disso, o ensino dado às mulheres era voltado completamente para funções feminilizadas, como a costura. Em 1915, as mulheres chilenas alcançaram os direitos necessários para receber uma educação gratuita e de qualidade em todos os níveis. Segundo a professora e pesquisadora chilena Alejandra Castillo (2010), a educação foi o primeiro passo para o alcance da voz das mulheres. A partir do acesso ao ensino as mulheres tomaram a palavra e conquistaram diversos outros direitos:

Tomar a palavra para alcançar os direitos. À maneira dos atos de fala, ao dizer se fazem coisas, muda a realidade. O dizer das mulheres em traduções, artigos e conferências interrompe a normalidade da lei da fala masculina e faz possível a emergência da mulher como sujeito público. A voz da mulher na vida política, na encarnação do ideal republicano da vida civil, tem produzido efeitos; contudo, ainda falta o procurado desde 1875: os direitos cívicos (tradução nossa)<sup>1</sup> (Castillo 77).

Assim como a palavra das mulheres teve o potencial de modificar a realidade em relação aos seus direitos, rompendo com o silenciamento por meio da fala, de traduções, artigos e conferências, a literatura de autoria feminina foi outro espaço capaz de desmascarar e subverter a ordem da normalidade da fala masculina e o silêncio feminino. Castillo cita o exemplo da feminista, diplomata, educadora e poetisa chilena Gabriela Mistral (1889-1957), que participou ativamente pelo direito à educação das meninas e tornou-se a primeira latino-americana a receber um Prêmio Nobel de Literatura, em 1945.

Indica-se que um dos primeiros espaços tipicamente masculinos adentrados pelas mulheres foi a literatura. Segundo Michelle Perrot (2007), a princípio a escrita feminina se dava de maneira íntima, praticada ao anoi-

---

<sup>1</sup> Tomar la palabra para tomar los derechos. A la manera de los actos de habla, al decir se hacen cosas, muta la realidad. El decir de las mujeres en traducciones, artículos y conferencias interrumpe la normalidad de la ley del habla masculina y hace posible la emergencia de la mujer como un sujeto público. La voz de la mujer en la vida política, en encarnación del ideal republicano del vivere civile, ha producido efectos; sin embargo, aún falta lo buscado desde 1875: los derechos cívicos (texto original).

tecer, após o fim das atividades domésticas, com a finalidade de responder correspondências, escrever um diário ou contar a própria vida, que conseqüentemente tematizava a vida privada, sendo que ainda estavam restritas ao âmbito doméstico. Tais gêneros literários ou textuais acabaram se tornando mais adequados às mulheres e gradativamente convertidos para gêneros de menor importância.

A via para o mundo proibido da escrita encontrada por essas mulheres foi principalmente a religião. Exemplo disso, foi a mexicana Soror Juana Inés de La Cruz, que viveu entre 1648 e 1695, e buscou a clausura da Igreja para que pudesse ter acesso ao saber e à escrita. Entretanto, a ligação com a Igreja não a protegeu de muitas das amarras de gênero (Lobo). Após ser censurada e proibida de escrever pelo Bispo de Puebla, Soror Juana Inés de La Cruz se suicidou.

Conforme foram adentrando o campo literário e acadêmico, pesquisadoras buscaram compreender se há peculiaridades na escrita de mulheres. Luiza Lobo demonstra que, inerente à autoria feminina, há a literatura feminista, ou seja, aquela que “apresenta um ponto de vista da narrativa, experiência de vida, e, portanto, um sujeito de enunciação consciente de seu papel social” (s/p). Neste viés, a escritora inclui em sua escrita, seja por meio de personagens e/ou narradora, uma consciência perante os confrontos sociais derivados das sociedades patriarcais que limitam as mulheres.

Os papéis femininos perpetuados pelas representações na literatura de autoria masculina, assinalados por Lucia Osana Zolin (2005), se tornam repressivos na medida em que os valores literários moldados pelos homens caracterizam estas narrativas pela subordinação feminina e a dominação masculina. Segundo a estudiosa, a crítica feminista demonstra a habitual “repetição de estereótipos culturais, como, por exemplo, o da mulher sedutora, perigosa e imoral, o da mulher como megera, o da mulher indefesa e incapaz e, entre outros, o da mulher como anjo capaz de se sacrificar pelos que a cercam” (Zolin, 2005: 190), exemplos daquilo que é recorrente na literatura selecionada pelo cânone. Além disso, apresenta que é comum na literatura de autoria masculina que traz a representação de mulher incapaz, submissa, anjo, com um tom positivo, ao mesmo tempo em que a mulher megera ou, em outras palavras, a mulher independente se associe ao negativo, aquela que deve ser rejeitada. Em consequência, a primeira vertente da crítica feminista:

... aponta claramente para as construções sociais padrão, edificadas não necessariamente por seus autores, mas pela cultura a que eles pertencem, para servir ao propósito da dominação social e cultural masculina. Assim, o feminismo mostra a natureza construída das relações de gênero, além de mostrar, também, que muito frequentemente, as referências sexuais aparentemente neutras são, na verdade, engendradas em consonância com a ideologia dominante: o engendramento masculino possui conotações positivas; o feminino, negativas (Zolin, 2005: 190).

Pela frequente percepção das construções sociais que padronizam o comportamento feminino na literatura de autoria masculina, Lobo (1997) destaca que, desde o século XIX, a literatura de autoria feminina vem sofrendo mudanças importantes que expressam a negação da repetição do estilo de escrita masculina, passando a manifestar sua própria identidade literária. Assim, vem demonstrando o intuito de se posicionar como sujeito de enunciação. Após muitos séculos sendo representadas através do olhar masculino, podem contar a si próprias, bem como inventar e subverter hierarquias de gênero.

Segundo a pesquisadora em América Latina da Universidade de Graz, Erna Pfeiffer, em *Reflexões sobre a literatura feminina chilena*<sup>2</sup> (2002), a literatura chilena procurou homogeneizar os interesses econômicos e a diversidade étnica das diferentes classes sociais, construindo desta forma, uma visão única e hegemônica de um sujeito masculino chileno, que a partir do golpe militar de 1973, abusou das palavras “pátria”, “nação”, “país”. Assim, as escritoras chilenas viram-se diante do desafio de, ao mesmo tempo, descentralizar o sujeito hegemônico e buscar complexas estruturas literárias para atravessar as barreiras da censura. Destaca a escrita conscientemente feminina de Mercedes Valdivieso, Pía Barros, Diamela Eltit e Ana María del Río, que combinavam o erótico ao político.

Em *Eva Luna* (2010), a maneira com que a protagonista é concebida, permite observar o silenciamento feminino por meio da ação de sua mãe ao ver que o pai de Eva – indígena e jardineiro da casa onde ambos trabalhavam -, havia sido picado por uma cobra: “Pela primeira vez em sua silenciosa existência, Consuelo não obedeceu a uma ordem e tomou uma iniciativa” (Allende, 2010: 22). A ordem se refere ao sistema de conser-

2 *Reflexiones sobre la literatura femenina chilena* (título original em espanhol).

vação de mortos que seu chefe, o Professor Jones, exercia com maestria. Ao ser avisado sobre a picada de cobra, ele exige que após a morte, o empregado seja levado até ele, para que sofresse seu experimento, porém a fim de dar-lhe uma morte mais digna, a mãe de Eva o desobedece. É a partir dessa quebra do padrão comportamental de Consuelo, que concebem Eva Luna. Isso parece anunciar o futuro rompimento de uma conduta cultural que exige silêncio das mulheres, sendo que a menina, concebida de tal maneira, virá a se utilizar de diversos instrumentos para se pronunciar, o que desencadeia uma série de acontecimentos que tardam, mas que a encaminham para a literatura. Tanto por meio do acesso à escrita, como por meio da iniciativa literária, a personagem subverte diversos padrões comportamentais designados às mulheres.

#### **A FRONTEIRA ENTRE O SILÊNCIO E O GRITO: ECOS DO PODER E DA RESISTÊNCIA**

O patriarcado estrutura-se na divisão —aqui chamada de fronteira—, entre atividades e coisas masculinas e femininas, características sempre opostas que se assemelham apenas na diferença, partindo do princípio masculino como medida para todas as coisas; ou seja, toda característica engendrada ao simbolismo masculino é positiva, enquanto que na estrutura de oposição, tudo que simboliza o feminino é negativo (Bourdieu). Neste sistema de oposição, o valor designado a esfera pública foi indiscutivelmente posto em evidência, enquanto tudo aquilo interligado a domesticidade foi e continua sendo desvalorizado e invisibilizado.

As mulheres foram assentadas na esfera doméstica a fim de dar continuidade ao sistema patriarcal. Tal confinamento se deu a partir de diversos instrumentos de repressão. Segundo a socióloga chilena, Julieta Kirkwood, às mulheres chilenas foram atribuídas simbologias como “mães da chilenidade, cuidadora da grande família que é a pátria, defensora de seus filhos, mulher: levanta-se e luta pelos seus (12)”<sup>3</sup> (tradução nossa), confirmando a incorporação de características por meio das quais lhes propõe resumir-se ao âmbito doméstico e interior.

A fronteira simbólica entre o grito e o silêncio está interligada à fronteira entre o privado e o público, uma é consequência da outra. Elas funcionam por meio dos mesmos mecanismos de exclusão das mulheres da participação pública, o que as tornou praticamente invisíveis nos registros históricos. Onde não puderam adentrar, não puderam se fazer ouvir. Entretanto, a questão é que o silêncio conferido às mulheres no decorrer da história não se restringia apenas aos espaços públicos. Na casa do Professor Jones, onde vivia Consuelo, mãe de Eva Luna, observa-se o silêncio em diversas passagens, como quando a mãe entra em trabalho de parto:

Aguentou as dores durante treze horas, sem parar de trabalhar. Quando não pôde mais, trancou-se em seu quarto. . . Coberta de suor, com um trapo na boca para sufocar os queixumes, pôde trazer ao mundo aquela criatura pertinaz que se aferrava a ela. Já não era jovem e não foi tarefa fácil, mas o costume de esfregar pisos de gatinhas, de carregar peso pela escada e de lavar roupa até a meia-noite, dera-lhe músculos firmes, com os quais finalmente conseguiu parir. Primeiro viu surgirem os pés minúsculos que mal se moviam, como se tentassem dar o primeiro passo de um caminho árduo. . . Ali estava eu, envolta em uma corda azul, que ela separou de meu pescoço com cuidado, para ajudar-me a viver.

—Mau sinal, é fêmea —disse a improvisada parteira, após ter atado e cortado o cordão umbilical, e me tendo em suas mãos (Allende, 2010: 24-5).

O sufocamento das dores do solitário parto alude ao silenciamento inculcado à Consuelo. O poder de dar a vida, que as mulheres possuem, sendo emudecido em meio ao doloroso parto, demonstra a potência das regras morais que calaram as mulheres. Desta forma, observa-se que o silêncio se estendia para a casa, ambiente para o qual estavam destinadas segundo os discursos patriarcais.

Pensando nessa questão, procura-se revelar as peculiaridades do silenciamento —seus próprios métodos e sua função enquanto instrumento patriarcal—, e brevemente evocar o enfrentamento das mulheres às desigualdades demarcadas pela oposição entre os sexos. Não se pode estabelecer data, primeiramente devido ao silenciamento das mulheres e também por sempre ter havido atuações de resistência feminina nas mais diversas sociedades e nos mais diversos tempos. Chamo de *grito* tudo o que se relaciona a tal enfrentamento, a fim de enaltecer a bravura e rebeldia das mulheres quando, através do feminismo, desataram os nós

3 “...madre de la chilenidad, cauteladora de la gran familia que es la patria, defensora de sus hijos, mujer: levántate y lucha por los tuyos” (texto original).

guardados em suas gargantas durante séculos. Como visto, uma das estratégias encontrada por elas para se fazer ouvir, foi a literatura.

Michelle Perrot recorda a fala do apóstolo Paulo, que culpava todas as mulheres pela transgressão de Eva quando consumiu o fruto proibido, e lhes recomendava conservar o silêncio: “Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno” (17). A historiadora revela ainda que, confinadas no silêncio, as mulheres permaneceram fora dos relatos históricos durante muito tempo, como se estivessem fora do tempo. Aponta para a ausência dos espaços públicos como primeiro motivo, mas enumera outros instrumentos que contribuem.

Outro motivo é o que ela chama “silêncio das fontes” (Perrot), que se explica nos poucos vestígios deixados pelas próprias mulheres logo após terem acesso à palavra escrita. As produções domésticas (cartas, histórias, fotografias) eram comumente apagadas por elas mesmas, enquanto julgavam que qualquer inventividade vinda delas só poderia ser desinteressante. Segundo Bourdieu essa crença das mulheres parte da ideia que naturaliza a dominação:

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim serem vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de autodepreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis, como vimos acima, na representação que as mulheres cabilas fazem de seu sexo como algo deficiente, feio ou até repulsivo (ou, em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda), e de maneira mais geral, em sua adesão a uma imagem desvalorizadora da mulher (64).

Além disso, as descrições da personalidade feminina dos observadores pertencentes ao sexo masculino, ao invés de darem atenção necessária para tal serviço, as reduzem à estereótipos inventados: “As mulheres são imaginadas, representadas, em vez de serem descritas ou contadas. Eis aí outra razão para o silêncio e a obscuridade: a dissimetria sexual das fontes” (Bourdieu 65).

Perrot (2007) aponta também para “o relato da história” através do qual se deu o mais profundo silenciamento. Durante muito tempo a ciência histórica se interessava apenas pelos acontecimentos públicos – guerras, reinados e, pelos homens públicos– heróis de guerra ou santos que

viajam e evangelizam, enquanto sobre as santas que rezavam e preservavam a virgindade, as rainhas, damas, cortesãs, mulheres do povo, em comparação aos homens pouco ou nada se registrou. Todavia, ao terem acesso à universidade, as mulheres observaram estas ausências e procuraram dar voz às que foram excluídas.

Outra questão que contribuiu para isso foi a escola dos *Annales*, indicada pela historiadora (2007) como inovadora no quesito de não deixar à história apenas os acontecimentos políticos, do qual elas estavam excluídas, mas também as perspectivas econômicas e sociais. Desta maneira, as mulheres começaram a ser relatadas com maior frequência pela ciência histórica.

Da perspectiva de Virginia Woolf, o silenciamento das mulheres era nítido ao observar as prateleiras de uma biblioteca na Inglaterra no início do século XX. O domínio absurdo das autorias masculinas era alarmante. Assim, em suas reflexões, a escritora procura pelos motivos de que a grande maioria das mulheres, mesmo após terem acesso à palavra escrita, continuavam sem escrever. Para ela, as dificuldades que as mulheres encontravam para se expressar por meio da palavra escrita eram muitas, dentre elas, a falta de um espaço próprio e silencioso (sem os barulhos e interrupções do restante da família), a falta de tempo (as atividades domésticas inesgotáveis), as dificuldades materiais (pouquíssimas mulheres trabalhavam fora de casa nesta época e eram independentes financeiramente), os padrões de comportamento (as mulheres “corretas” não deveriam ter pensamentos próprios, muito menos ousar dizê-los) e a ridicularização e opinião masculina: “havia um grupo enorme de opiniões masculinas que atestavam que nada deveria ser esperado das mulheres do ponto de vista intelectual” (Woolf 80). Sobre essa questão, até pouco tempo, na América Latina, levando em conta o atraso ainda maior do acesso à palavra escrita, a autoria feminina também estava ausente das prateleiras (a Inglaterra foi um dos primeiros países do mundo que concedeu este direito essencial às mulheres).

Perrot indica que “ao longo do século XIX, reitera-se a afirmação de que a instrução é contrária tanto ao papel das mulheres quanto a sua natureza: feminilidade e saber se excluem. A leitura abre as portas perigosas do imaginário” (93). Ela menciona diversos pensadores de correntes contrárias –Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Sylvain Maréchal (1750-1803), bispo de Órleans, Joseph de Maistre (1753-1821) e o anarquista Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), para citar apenas alguns–, que con-

cordavam que as mulheres não deveriam ter acesso ao saber temendo “a sedução do livre pensamento”. Concomitantemente, o direito à instrução foi reivindicado por mulheres pelo menos desde o século XVIII –Christine de Pisan (1364-1430), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Germaine de Stael (1766-1817), George Sand (1804-1876)–, e, em alguns países, segue sendo motivo de luta, como no Paquistão, no qual Malala Yousafzai (1997) é ativista exigindo que as meninas paquistanesas tenham direito à educação.

Apesar das diversas problemáticas que trouxe consigo, nos países que abarcou, a Reforma Protestante colaborou para a emancipação feminina, quando fez da leitura da Bíblia uma obrigação para homens e mulheres (Perrot). Este fator teve consequências drásticas na condição das mulheres, que aprendendo a ler, tiveram maior acesso ao trabalho.

Mesmo assim, como já citado, o acesso à educação precisou passar por longos processos de aprofundamento. No início, as meninas eram educadas separadamente dos meninos e essa educação previa apenas inculcar-lhes o que era visto como necessário para servirem bem aos futuros maridos e filhos. No entanto, as coisas foram mudando ao longo do tempo.

Evidentemente, o acesso ao saber foi e é um fator de extrema relevância para o início da desconstrução do que havia sido imposto social e culturalmente como identidade feminina. Em outras palavras, por meio do acesso ao saber, a oportunidade de contar a própria história, de se inserir na história, de compor sua voz e por fim, ser ouvida, começa a se tornar realidade.

A protagonista-narradora da obra em questão, percebe, ao ganhar uma máquina de escrever, a possibilidade de contar a si própria através da literatura: “. . . seduziu-me a ideia de eu ser também mais um da história, com poder para determinar meu fim ou inventar-me uma vida. O enredo complicava-se; as personagens ficavam cada vez mais rebeldes” (Allende, 2010: 250). A transformação da sua realidade é possível pela liberdade inventiva inerente à criação artística. Já a rebeldia das personagens, pode despertar a pulsão para também modificar a própria realidade, bem como a realidade de suas leitoras.

A observação da situação social feminina revela uma quantidade inestimável de armas utilizadas pela cultura patriarcal para o silenciamento das mulheres, assim como o assassinato, a violência contra as mulhe-

res, a misoginia, a desvalorização de tudo o que está relacionado à elas, os pseudônimos masculinos, a proibição do saber, os padrões morais impostos através de diversas instituições sociais, os afazeres domésticos inesgotáveis e invisíveis, a maternidade como única vocação, as poucas referências femininas subversivas da ordem com as quais se identificar, além de muitas outras ferramentas.

Em seu ensaio, Woolf após criar a irmã de Shakespeare e apontar os prováveis obstáculos que esta enfrentaria em sua época, caso tivesse o mesmo talento do irmão para a escrita, demonstra que o passar do tempo não fez com que se estimulasse a criação artística das mulheres, ao contrário disso, revela o intuito de superioridade dos homens, por meio do silenciamento das mulheres nas artes e também na política:

. . . é bastante evidente que mesmo no século XIX uma mulher não era encorajada a ser artista. Pelo contrário, era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada. Sua mente deve ter-se exaurido, e sua força vital ter diminuído pela necessidade de se opor a isso e desaprovar aquilo. Então aqui nos deparamos com um complexo masculino obscuro e muito interessante, que teve bastante influência nos movimentos femininos; aquele desejo inveterado nem tanto de que ela seja inferior quanto de que ele seja superior, que o coloca onde quer que se olhe, não apenas diante das artes, mas também bloqueando o caminho para a política, mesmo quando o risco para ele parece ser ínfimo, e o requerente, humilde e devotado (Woolf 81).

Justamente pelo desencorajamento que as mulheres sofriam quando pretendiam se tornar artistas ou opinar sobre política, é que o fazer literário das mulheres, assim como o alcance de outros espaços para além do familiar, que começou a ocorrer com intensidade crescente durante o século XX e mais ainda neste início de século XXI, é um enfrentamento às forças contrárias das culturas patriarcais. Desta forma, junto aos diversos movimentos feministas, a literatura de autoria feminina apresenta-se desde o início como um instrumento de resistência, simplesmente por existir, porém a resistência na literatura de autoria feminina não se encerra nesta finalidade.

Na obra *Eva Luna* (2010) de Isabel Allende, a protagonista-narradora, contadora de histórias desde a infância, aprende a ler e escrever apenas aos quinze anos e, a partir disso, inicia um processo de enfrentamento das desigualdades presentes em seu contexto por meio da própria escrita.

Eva representa a força de enfrentamento conquistada pelas mulheres a partir do momento em que adentraram o espaço da palavra escrita, criando e revelando seus gritos e por fim, subvertendo os padrões sociais da cultura patriarcal.

### O POTENCIAL DA PALAVRA PARA EVA LUNA

Em outras pesquisas realizadas sobre a obra em questão, observou-se que diante das limitações e violências vivenciadas na casa alheia, a menina Eva escolhe pelas incertezas da rua, o que resulta em duras experiências, mas que ao mesmo tempo a proporcionam maior liberdade para construir sua identidade. Para isso, a contação de histórias –estimulada pela mãe antes da morte–, a proporciona sobrevivência. É por meio da criação de narrativas que Eva Luna encontra saídas para as opressões de gênero e de classe social com as quais se depara, conquistando amizades e afetos, trocando narrações orais por abrigo e alimento, ao passo que permanece analfabeta quase até a idade adulta e, só a partir de então, apodera-se de um instrumento capaz de entregar-lhe variadas possibilidades com as quais enfrenta amarras de gênero e de classe social: a palavra escrita.

O crítico literário, Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência*, expõe que “o imaginário popular se exprimiu, durante séculos, abaixo do limiar da escrita” (60).<sup>4</sup> Relata que durante a ditadura militar brasileira, entrou em contato com um grupo de jovens periféricos, com os quais compreendeu que “. . .os excluídos do ‘milagre econômico’ . . . ansiavam, em primeiro lugar, pelo acesso ao conhecimento. E mediante o conhecimento, ter vez e voz em um mundo que se fecha para os que não conseguiram transpor o limiar da escrita” (262). Segundo ele, para os marginalizados “atos de ler e escrever podem converter-se em exercícios de educação para a cidadania” (Bosi 261).

Apesar de Bosi não citar as mulheres dentre os excluídos, como visto anteriormente, o estudo de Lemaire (1994) aponta para a exclusão das mulheres no momento de inserção da cultura escrita no Ocidente. Para

ela, foi justamente este momento de transição que baseou a ideia de superioridade dos homens sobre as mulheres.

Mesmo antes, a escrita sempre foi um instrumento de poder. Eram pouquíssimos os que detinham a habilidade e, certamente, isso os tornava bastante privilegiados. Assim continuou sendo quando o latim em coalizão com o cristianismo, excluiu as mulheres da possibilidade de deter tal habilidade e poder. Dessa forma, com a escrita, a visão de mundo masculina foi sendo enaltecida, enquanto a visão de mundo feminina, que permanecia oral, foi sendo subjugada. Segundo Walter Ong: “A concentração do saber em textos teve conseqüências ideológicas . . . Criou-se a impressão de que, distintas do discurso (governado por regras retóricas escritas), as formas artísticas orais eram fundamentalmente desajeitadas e indignas de estudo sério” (18-9).

A exclusão das mulheres no processo de democratização da escrita no Ocidente, refletiu-se em características associadas à inferioridade designadas a elas. Com a passagem do tempo, diversos outros instrumentos foram somados para dar continuidade à estrutura social e simbólica que amparam o patriarcado, e que repercutem até a atualidade, mesmo após mais de século que as mulheres têm acesso em grande escala à cultura escrita.

O processo vivenciado pela protagonista-narradora faz alusão ao curso desenvolvido pelas mulheres até que conquistassem o direito à alfabetização e, enfim, pudessem narrar a própria história. Diferentemente de Eva, sua mãe não era analfabeta. Consuelo aprende a ler e escrever por meio da relação com a Igreja durante a infância. Lembra-se aqui que a primeira via para o mundo proibido da escrita encontrada pelas mulheres ocidentais também foi a religião (PERROT, 2007). Porém, apesar de ser descrita pela filha como uma ótima contadora de histórias, suas narrativas permanecem na oralidade até o fim de sua vida, sem que fossem transcritas para o papel. Quanto à leitura, exercida por ela assiduamente, julgava tão distante de seus privilégios, que lia apenas às escondidas:

A casa era um imenso labirinto de livros. Ao longo das paredes, os volumes acumulavam-se do chão até o teto . . . Todas as obras do pensamento universal encontravam-se naquelas prateleiras . . . Consuelo passava várias horas do dia limpando os livros. Quando terminava a última estante, tinha que iniciar novamente pela primeira, porém isso era o melhor de seu trabalho. Pegava-os com delicadeza, sacudia a poeira acariciando-os,

<sup>4</sup> Explica-se que a narração oral não deixa de ser um instrumento poderoso e que também poderia ser aqui chamado de palavra, porém, observados os efeitos hierarquizantes que se deram a partir da instauração da escrita no Ocidente, a oralidade se tornou cada vez mais desprestigiada.

folheava as páginas, para mergulhar alguns minutos no mundo privado de cada um. Aprendeu a conhecê-los e a localizá-los nas prateleiras. Nunca ousou pedi-los emprestados, de maneira que os tirava escondido, levava-os para seu quarto, lia durante a noite e, no dia seguinte, tornava a colocá-los nos seus lugares (Allende, 2010: 18).

Desde antes do nascimento de Eva, a intenção de atravessar as fronteiras simbólicas do patriarcado já se manifesta na obra. Nessa passagem, observa-se o encantamento de Consuelo pelos livros. A limpeza da biblioteca do Professor Jones “era o melhor de seu trabalho”, no entanto, ao deixar claro que a mãe “nunca ousou pedi-los emprestados”, a filha enfatiza a consciência sobre a divisão entre as funções femininas, sempre ligadas ao universo doméstico, e as funções masculinas. Ao passo que, quando Consuelo se atreve a leva-los escondidos, a naturalização da falta de interesse das mulheres pelos assuntos pregados como masculinos pela cultura patriarcal, desaparece.

Segundo Bourdieu (2019), a eficácia dos símbolos que dividem homem e mulher marcam práticas diferentes para ambos e naturalizam uma identidade que na verdade é designada socialmente. A conexão entre o princípio de divisão androcêntrica –que enaltece a conduta masculina enquanto marginaliza a feminina–, e a exclusão das mulheres da cultura escrita, faz com que o ato da personagem demonstre que a falta de contato com o universo letrado das mulheres não tenha partido de um comportamento pré-determinado biologicamente no qual elas se desinteressariam pela literatura simplesmente por serem mulheres, mas sim, de um contexto histórico-social-cultural no qual as funções ditas femininas limitavam seu universo. As divisões entre as funções masculinas e femininas não passam de uma construção social, naturalizadas e bem acomodadas na fábula do discurso biológico:

Longe de as necessidades da reprodução biológica determinarem a organização simbólica da divisão sexual do trabalho e, progressivamente, de toda a ordem natural e sexual, é uma construção arbitrária do biológico, e particularmente do corpo, masculino e feminino, de seus usos e de suas funções, sobretudo na reprodução biológica, que dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão do trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho e, a partir daí, de todo o cosmos. A força particular da sociodiceia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação

inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria, uma construção social naturalizada (Bourdieu: 44-5).

Após a morte de Consuelo, aos seis anos Eva Luna fica sob os cuidados de sua madrinha. A divisão hierárquica entre os sexos, observada pelo estudioso, pode ser constatada novamente na fala da Madrinha:

–Se você fosse homem, iria para a escola, depois começaria a estudar para advogado, assegurando assim o pão da minha velhice. Eles é que mais ganham, sabem enrolar as coisas. Quanto mais revoltado o rio, mais lucro para eles –dizia minha Madrinha.

Sustentava que é melhor ser homem, porque até o mais miserável tem sua própria mulher em quem mandar (Allende, 2010: 50).

Diferentemente da mãe que apenas se comporta conforme os padrões naturalizados como femininos, a madrinha de Eva Luna expressa com palavras as fronteiras entre os espaços femininos e masculinos. Explicita-se na fala da personagem, o quanto a possibilidade de estudar estava vinculada à segurança. A suposição do que ocorreria caso Eva houvesse nascido homem é muito mais positiva do que a expectativa que a nova cuidadora põe sobre a menina, afinal “até o mais miserável tem sua própria mulher em quem mandar”, evidenciando a associação entre escolaridade e a hierarquia entre os sexos. Conforme Castillo (2010), o primeiro passo para que a fala das mulheres começasse a causar o efeito desejado, pressupondo que quem fala pretende ser ouvido, foi dado por meio de sua entrada no universo da educação. O prestígio da escrita e da ciência, a que antes estavam excluídas, começa a ser utilizado por elas para se pronunciarem e mudarem suas realidades, portanto o excerto da obra demonstra que a madrinha ainda relacionava a educação à masculinidade. Como observou Bourdieu “a alienação genérica está na base de seu privilégio específico: os homens são educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apontam em uma forma qualquer de dominação . . .” (126).

Enquanto permaneciam restritas à oralidade, a opinião, a criatividade, a vontade, a identidade e até a presença das mulheres, foram amplamente silenciadas, como aponta Lemaire (1994). Desapareciam nas sombras, enquanto que o conhecimento científico e as criações artísticas eram iluminadas e enaltecidas para e por eles. No entanto, na ausência dos homens, a oralidade continuava a permiti-las certa inventividade. Com isso, deram

continuidade para a tradicional contação de histórias por meio da qual criavam e estabeleciam afetos e amizades.

Um ano após se tornar responsável por Eva, a Madrinha a julga pronta para começar a trabalhar. Em casas alheias, exercendo funções domésticas a partir dos sete anos de idade, a protagonista utiliza-se da contação de histórias para conquistar proteção.

Eva Luna é evocada por diversas personagens como “aquela que contava histórias” e com essas mesmas personagens é que a narradora-protagonista vem a estabelecer suas relações mais íntimas. A primeira de quem ganha confiança e afeto dessa maneira é a avó adotiva: “Elvira foi para mim uma verdadeira avó. Com ela aprendi a barganhar palavras por outros bens e tive muita sorte, porque sempre encontrei alguém disposto a essa transação” (Allende, 2010: 74). Além da avó, é lembrada dessa forma por seu primeiro amigo e amante, Huberto Naranjo e por sua amiga e colega de apartamento, Mimi. Com a conquista desses laços, recebe auxílio, de maneira que a contação de histórias é a forma que encontra para modificar a situação impiedosa à que, ela própria, supõe estar destinada: “As circunstâncias meio estranhas de minha concepção tiveram consequências mais para benéficas: deram-me uma saúde inabalável e a rebeldia que demorou um pouco a se manifestar, mas finalmente salvou-me da vida de humilhações para a qual, sem dúvida, estava destinada” (Allende, 2010: 26).

Apesar de dar crédito às circunstâncias de sua concepção, é por meio da narração oral que sua rebeldia pode ser exercida e com a qual consegue meios –ainda que escassos–, para sobreviver até ser alfabetizada. Aos quinze anos, enquanto vive na casa de Riad Halabí, inicia o processo de aquisição da linguagem escrita com a Professora Inês. A partir disso, as narrativas criadas se tornam mais memorizáveis, criativas e densas, o que a causa inigualável alegria: “A possibilidade de escrever permitiu que prescindisse das rimas para recordar, e pude forjar histórias com incontáveis personagens e aventuras” (Allende, 2010: 151).

Como já visto, as mulheres permaneceram restritas à oralidade por longo período, e não só para elas, mas também para todos os grupos sociais que assim permaneceram até os últimos séculos, para que se pudesse recordar histórias sem a tecnologia da escrita, eram necessários diversos métodos, como a rima e a repetição, uma estrutura bastante diferente do que a que conhecemos em literatura, de forma que a própria amplitude

da inventividade era limitada pela necessidade de criar e recontar diversas vezes uma mesma história sem o auxílio da fixação de palavras por meio da escrita. Os padrões de memorização nas culturas orais primárias:

. . . para resolver efetivamente o problema da retenção e da recuperação do pensamento cuidadosamente articulado, é preciso exercê-lo segundo padrões mnemônicos, moldados para uma pronta repetição oral. O pensamento deve surgir em padrões, fortemente rítmicos, equilibrados, em repetições ou antíteses, em aliterações e assonâncias, em expressões epitéticas ou outras expressões formulares, em conjuntos temáticos padronizados (a assembléia, a refeição, o duelo, o “ajudante” do herói e assim por diante), em provérbios que são constantemente ouvidos por todos, de forma a vir prontamente ao espírito, e que são eles próprios modelados para a retenção e a rápida recordação - ou em outra forma mnemônica. As reflexões e os métodos de memorização estão entrelaçados (Ong 45).

A partir da conquista do direito à educação, as mulheres se depararam com outros instrumentos –moldados ao longo do tempo a partir da premissa da exclusão do universo letrado– de perpetuação do patriarcado: evidentemente que se outros grupos sociais foram excluídos do universo letrado, durante muito tempo a literatura foi escrita exclusivamente por homens, brancos, das classes sociais mais altas. Desta maneira, grande parte da literatura ocidental carrega estereótipos de uma identidade feminina limitada ao olhar masculino. Zolin (2018) indica que a crítica feminista percebeu na autoria masculina a frequente representação de uma personalidade feminina estigmatizada e simplificada, consequência dos aspectos culturais inculcados na mente masculina. A repetição de dualismos como a virgem e a prostituta, a santa e a maldita, tornaram a literatura escrita por homens um dos instrumentos para a perpetuação do sistema patriarcal. Reduzindo-as simbolicamente, fez com que as mulheres sofressem um impacto bastante negativo sobre sua autoimagem, que só pôde começar a ser desconstruída num contínuo esforço de autorrepresentação.

A partir da alfabetização de Eva, observam-se tais estereótipos em suas primeiras leituras:

Quando pude ler corretamente, ele me trouxe novelas românticas, todas no mesmo estilo: secretária de lábios túrgidos, seios mórbidos e olhos cândidos conhece executivo de músculos de bronze, têmporas prateadas

e olhos de aço. Ela é sempre virgem, mesmo no caso incomum de ser viúva, ele é autoritário, superior a ela em todos os sentidos, há um desentendimento por ciúmes ou por herança, mas tudo se ajeita e ele a toma nos braços metálicos, ela suspira sufocadamente e ambos são arrebatados pela paixão, mas nada grosseiro ou carnal. O apogeu era um único beijo que os conduzia ao êxtase de um paraíso sem retorno: o casamento. Depois do beijo nada mais havia, apenas a palavra ‘fim’, coroada de flores ou pombinhos. Em pouco tempo, na terceira página eu já adivinhava o argumento e, para distrair-me, modificava tudo, desviando o enredo para um desenlace trágico, muito diferente do idealizado pelo autor e mais de acordo com minha incurável tendência à morbidez e violência. Então, a mocinha transformava-se em traficante de armas e o empresário partia para cuidar de leprosos na Índia (Allende: 152).

A passagem apresenta características que comumente são relacionadas ao gênero feminino e ao gênero masculino em literatura. Essa reprodução dos padrões comportamentais referentes ao patriarcado está explícita em “ele é superior a ela em todos os sentidos” e “ela suspira sufocadamente”. Segundo Lemaire (1994), encontram-se nos estereótipos representados através das personagens, o reforço das fronteiras simbólicas entre as características masculinas e femininas. Enquanto representadas por escritores masculinos, a maioria das personagens femininas apareceram na literatura como o sexo mais fraco, envolvidas com questões consideradas “irrelevantes” do dia-a-dia. Ao contrário disso, a maior parte dos personagens masculinos criados por homens, são apresentados como superiores, com preocupações distantes da vida cotidiana.

No entanto, com a facilidade de supor o fim das histórias (não são expostas a quais obras se refere) que tanto se repetem, a protagonista-narradora altera o rumo das narrativas. Em suas versões, tanto a representação da mulher como a do homem fogem dos estereótipos. Quando transforma a mocinha em traficante de armas, ela deixa de caber no ideal, para se tornar uma transgressora, ao mesmo tempo em que, o empresário, ao partir para cuidar de leprosos, atravessa a fronteira entre as funções masculinas e femininas, para adentrar num território feminilizado: os cuidados.

Apesar de não ser possível indicar com precisão sua autoria, já que o clássico da literatura árabe é composto por contos de diversas origens, principalmente de narrativas orais, ao ganhar *As mil e uma noites* de Riad

Halabí, *Eva Luna* entra em contato com uma obra bastante diferente daquelas que descreve anteriormente. Com *As mil e uma noite* (Hillsheim, Ramoz, Cruz), a protagonista-narradora depara-se com Scheherazade, outra protagonista-narradora, capaz de reverter seu destino por meio da contação de histórias: o rei persa, após ser traído pela esposa, decide se vingar das mulheres e, assim, a cada dia se casa com uma nova mulher e manda executá-la no dia seguinte. Ao se casar com o rei, a protagonista de *As mil e uma noites* ameaçada pela possível execução, decide utilizar o talento para a contação de histórias para solucionar seu problema. Todas as noites, encanta o marido com suas narrativas as quais não conclui despertando-lhe a curiosidade e, dessa forma, mantém-se viva. Ao fim das mil e uma noites, o rei está apaixonado pela esposa e desiste de matá-la.

Um dia, a professora Inês falou a Riad Halabí sobre *As mil e uma noites*. Em sua viagem seguinte, ele trouxe pra mim quatro enormes livros encadernados em couro vermelho, e neles mergulhei, até perder de vista os contornos da realidade. O erotismo e a fantasia entraram em minha vida com a força de um tufão, rompendo todos os limites possíveis e virando pelo avesso a ordem estabelecida das coisas (Allende, 2010: 152).

No excerto, observa-se o poder que a leitura da obra exerce sobre *Eva*, a ponto de romper os limites daquilo que lhe parecia estabelecido. Se antes alterava o rumo dos repetitivos enredos, se antes notava o comportamento frágil e submisso das personagens femininas, ao se defrontar com a sedutora e corajosa Scheherazade os possíveis rumos se expandem para além dos limites que imaginava. As fronteiras simbólicas são rompidas por meio da quebra do estereótipo da mulher na literatura, envolvendo-a em erotismo e fantasia.

Por si só o erotismo, partindo de uma narradora mulher, rompe com o estereótipo do que comumente observa-se na literatura canônica ocidental, representado em personagens femininas –frígidas e inocentes ou pervertidas e demoníacas. Sobre a representação das mulheres na autoria feminina, a entrevista da escritora chilena Valdivieso, citada por Pffeifer (tradução nossa),<sup>5</sup> esclarece: “é possível pensar que a escritura não passa pelo sexo senão pela representação que o sexo tem na sociedade” (68).

<sup>5</sup> “Es posible pensar que la escritura no passa por el sexo sino por la representación que el sexo tiene en la sociedad” (Valdivieso, *apud* Pffeifer 68).

Assim, recorrendo mais uma vez ao sociólogo Bourdieu, “A sexualidade, tal como a entendemos, é efetivamente uma invenção histórica, mas que se efetivou progressivamente à medida que realizava o processo de diferenciação” (170). Segundo ele, os corpos de homens e mulheres são adestrados para cumprirem com as performances prescritas por seus papéis sociais. Neste longo processo de adestramento, a sexualidade feminina foi amplamente reprimida, de forma que o erotismo como foco narrativo da literatura de autoria feminina também é uma forma de subversão.

Além disso, supõe-se que Isabel Allende se refira à obra *As mil e uma noites* no intuito de indicar a identificação de Eva Luna com Scheherazade. Nas obras, as diversas histórias são amarradas por uma linha narrativa traçada pelas protagonistas. Ambas enfrentam adversidades utilizando a contação de histórias como escudo para se proteger até que encontrassem estratégias mais estáveis para sobreviver, no caso de Scheherazade, a paixão do rei e, no caso de Eva Luna, a escrita. Para as duas, a narrativa oral é instrumento de libertação diante das amarras de um mundo incutido por valores masculinos. À vista disso, sendo *As mil e uma noites* o clássico literário que tornou a personagem fixada pela memória como a contadora de histórias árabe, poderíamos tratar de Eva Luna como a contadora de histórias latino-americana.

Pouco depois, Eva Luna precisa ir embora do vilarejo onde aprende a ler e escrever. No caminho, refletindo sobre o passado para compreender quais eram suas possibilidades no retorno para a capital:

Não obstante, no correr daquelas horas procurei livrar-me da languidez das recordações e conseguir a frieza indispensável para revisar o passado e fazer um inventário de minhas possibilidades. Até então vivera às ordens de outras pessoas, faminta de afeto, sem outro futuro além do dia de amanhã e sem mais fortuna do que minhas histórias. Precisava efetuar um contínuo esforço de imaginação para suprir tudo o que me faltara. Até minha mãe era uma sombra efêmera, que eu precisava desenhar cada dia, a fim de não perdê-la nos labirintos da memória. . . Fitei minhas mãos maltratadas pelos trabalhos domésticos, passei-as pelo rosto, apalpando o formato dos ossos, mergulhei os dedos nos cabelos e, com um suspiro, disse basta. Repeti em voz alta, basta, basta, basta! (Allende, 2010: 202).

Para solucionar o que vinha adiante, a protagonista busca visitar o passado que, inevitavelmente, relembram as privações que viveu. Nessa

passagem, observa-se simultaneamente seu desgaste emocional e físico, sua necessidade por mudança ao repetir a palavra “basta”, e a percepção de que as histórias eram sua única “fortuna”. Retornando à capital, reencontra Mimi, que busca incentivar que torne a escrita seu único ofício. Na passagem seguinte, verifica-se a reação de Eva quando é presenteada com uma máquina de escrita:

Desde que a professora Inês me tinha ensinado o alfabeto, eu escrevia quase toda noite, mas senti que aquela era uma ocasião diferente, algo que poderia alterar meu rumo. Peguei uma folha de papel, alva e em branco, como um lençol recém-lavado para fazer amor, e a introduzi no rolo. . . Acreditei que aquela página esperava vinte e tantos anos por mim, que eu vivera apenas para esse instante, e desejei que a partir desse momento meu único ofício fosse o de captar as histórias suspensas no ar mais sutil, para torna-las minhas. . . As personagens desprenderam-se das sombras onde haviam permanecido ocultas durante anos e surgiram à luz daquela quarta-feira, cada uma com seu rosto, sua voz, suas paixões e obsessões. Puseram-se em ordem os relatos arquivados na memória genética desde antes de meu nascimento e muitos outros, registrados durante anos em meus cadernos. Comecei a recordar fatos muitos distantes, recuperei as narrativas de minha mãe, quando vivíamos entre os débeis mentais, os cancerosos e os embalsamados do Professor Jones. Surgiram um índio picado por víbora e um tirano com as mãos devoradas pela lepra. Resgatei uma solteirona que perdera o couro cabeludo, como se houvesse sido arrancado pela máquina bobinadora, um diagnóstico em sua poltrona episcopal de veludo, um árabe de coração generoso e tantos outros homens e mulheres, cujas vidas estavam ao meu alcance, para dispor delas segundo minha própria e soberana vontade. O passado transformava-se aos poucos em presente e eu me apoderava igualmente do futuro, os mortos ganhavam vida com a esperança de eternidade, reuniam-se os dispersos, e todo o esfumaçado pelo esquecimento adquiria contornos precisos (Allende, 2010: 250).

Nota-se a metaficção utilizada pela autora. Nesse excerto, Eva Luna está descrevendo como o processo de escrita da história com a qual o/a leitor/a se envolve desde o início da obra. Os caminhos sinuosos para que chegasse nesse momento são rememorados, o que evidencia a sensação de alcançar o que a espera desde o início da vida, levando consigo o talento silenciado de seu pleno potencial pelo longo analfabetismo, e que

só pode ser utilizado integralmente a partir da conquista da alfabetização e, mais ainda, a partir da possibilidade de tornar esse o seu ofício.

O tempo real desigual ao tempo da narrativa poderia despertar uma reação de estranhamento ao leitor desatento perante a idade com que Eva começa sua carreira na escrita. Se não fosse pelo longo trajeto em que suas narrativas permanecem na oralidade e servem apenas para garantia de suas relações interpessoais, aos vinte anos, alcançar visibilidade no mundo letrado, poderia parecer precoce para a realidade, porém é no desenvolvimento da trama que o tempo é alongado, reforçando as adversidades para chegar até este momento.

Conforme Zolin (2005), o início da luta feminista pautava o direito à educação e a vida profissional, o que fez surgir a entrada de muitas mulheres no universo da literatura, tornando a escrita uma profissão, além de um instrumento para subverter sua condição subalternizada. Quando Eva constata que vivera mais de vinte anos para chegar ao instante de sentar em frente à uma máquina de escrever, utilizar seu talento para além da oralidade e enfim, ter a possibilidade de tornar-se escritora, nos relembra os percursos femininos para o alcance dessa alternativa. Segundo Schneider sobre a literatura de autoria feminina indígena, pode também alcançar o que se pretende destacar aqui: “O acesso à língua escrita resultou, bem mais recentemente, no surgimento de vários escritores indígenas. . . que vêm se empenhando em resgatar ou dar novo formato à identidade. . . , disseminando a diversidade cultural” (39). Essa passagem cabe também à literatura de muitas mulheres latino-americanas, que conforme foram acessando a escrita, adentraram a literatura tal como Eva e, da mesma maneira que os povos nativos, utilizaram-na para se reapresentar.<sup>6</sup>

Com a ajuda de Mimi, que agora trabalhava em telenovelas, consegue uma entrevista com o diretor da televisão a fim de apresentar a ele uma história e ver se, com isso, conseguiria um emprego na área. Assinado o contrato para escrever o roteiro da próxima telenovela que iria ao ar, em meio à uma discussão com Mimi, reflete sobre a situação da pobreza

vivida anteriormente e a impressão da riqueza: “Eu recebera um adiantamento pela telenovela, soma que me parecia fabulosa e me pesava no bolso” (Allende, 2010: 263).

Com uma educação digna, se torna possível sua entrada no mundo do trabalho não servil, de forma que alcança independência financeira e vê o afastamento dos dias onde a incerteza imperava. O talento com as palavras unido à alfabetização lhe proporciona uma vida bastante distinta da anterior, repleta de misérias. A escrita é o caminho encontrado por Eva para conquistar essa independência. Zolin (2018: 185) relaciona a primeira onda do feminismo à entrada das mulheres no campo profissional de escrita, que até então era “ eminentemente masculina”. A britânica Virginia Woolf, publica *Um Teto Todo Seu* originalmente em 1929, no qual associa a possibilidade da escrita feminina com alguma renda que lhes conferisse independência financeira. Porém, a escritora vê nas primeiras obras de autoria feminina um quesito que lhe parece problemático: o ressentimento. Ao contrário disso, para Bosi, “do ressentimento impotente nasce a potência da sua crítica social e política” (258). Por meio do feminismo, como o da precursora brasileira Nísia Floresta Brasileira Augusta, citada por Zolin, que publicou em 1832 a obra *Direitos das mulheres e injustiças dos homens*, colocou-se em discussão o direito das mulheres à educação e à vida profissional. Com o tempo, outras mulheres somaram-se ao feminismo e assim, foram conquistando espaço para que a própria escrita lhes proovesse espaço para pronunciamentos e independência financeira, como foi para Eva.

A própria dependência econômica foi (e por vezes continua sendo) durante longo período uma estratégia para dar continuidade ao sistema patriarcal. As poucas escritoras do século XIX, por exemplo, além de enfrentarem a hostilidade social, enfrentavam dificuldades materiais, precisando lidar com a dependência financeira do marido ou do pai, como relembra Zolin (2005). Tal dependência designava-as as tarefas domésticas, até hoje invisíveis e não remuneradas. Dessa maneira, mantinham-nas limitadas, inculcando-lhes a ideia de que só alcançariam uma condição estável se servissem ao homem. Além de órfã e de ser solteira, Eva estava inserida no século XX, o que não a exporia tanto à submissão financeira perante o homem, quanto se a história se passasse no século anterior, mas as dificuldades financeiras são representadas durante toda a obra. É justamente por estar em um cenário mais avançado em relação ao século XIX, que consegue reverter sua situação financeira por meio da escrita.

<sup>6</sup> A autorrepresentação na literatura dos nativos intenta romper com a descaracterização cultural sofrida com os efeitos duradouros da colonização europeia. Esta mesma colonização foi um dos fatores que mais impactaram o início de uma cultura patriarcal no continente latino-americano. Pode-se compreender, portanto, que a reapresentação das mulheres por meio de sua escrita, por vezes, tinha a mesma intenção.

A partir da conquista do direito à educação e à vida profissional, como aponta Zolin a escrita feminina “reverteu os valores que alicerçavam a tradição literária masculina no que tange à representação da mulher e os valores a ela referentes” (2005: 185). Da mesma forma, a protagonista afasta-se das temáticas comumente consideradas mais femininas:

. . . a Televisão Nacional não deu tréguas aos pacientes espectadores, de imediato lançando ao ar minha novela. . . O público foi tomado de surpresa já no primeiro capítulo, não conseguindo refazer-se do aturdimento nos seguintes. Acho que ninguém entendeu qual o rumo daquela história disparatada, pois estavam todos acostumados aos ciúmes, despeito, ambição, ou pelo menos à virgindade, mas nada disso aparecia em suas telas, e iam dormir cada noite com a alma perturbada. . . (Allende, 2010: 293).

A autoria feminina desmascarou problemáticas de gênero e questionou os papéis sociais, buscando ampliar as possibilidades de identidade feminina. No caso da surpresa sentida pelo público ao se depararem com a novela, nota-se que a escrita de Eva, tal como na autoria feminina, não reproduzia as estruturas sociais, ao contrário, perturbava os telespectadores com suas críticas sociais.

A partir disso, observa-se com mais nitidez o potencial literário para a resistência. Continuamente a autoria masculina repetiu estereótipos femininos, de forma que tais repetições causaram impactos negativos sobre a autoimagem das mulheres, como aponta Scheneider (41). Mas foi também por meio da literatura que as mulheres puderam reconstruir suas identidades e encontrar um lugar para si no mundo, tal qual Eva Luna. Concomitantemente ao feminismo, a literatura de autoria feminina evoluiu. A literatura de autoria feminina se tornou um dos artifícios de resistência frente às inúmeras desigualdades sociais, principalmente as desigualdades de gênero. De um princípio ainda reprodutor das práticas sociais repressivas, desmascarou-se a face injusta e violenta do patriarcado, dando lugar para críticas sociais inerentes à criação literária que as encaminhou para mais perto de uma plenitude existencial representadas em personagens femininas contemporâneas que podem vislumbrar o mundo para além dos muros de suas casas.

Eva enfrenta as amarras de gênero e de classe social para romper com os limites que a restringia de exercer seu talento em plenitude a partir da tardia alfabetização, assim como as primeiras mulheres, que silenciadas

pela falta de acesso ao universo letrado durante séculos, encontraram na escrita chaves para abrir portas que as levaram a transcorrer entre as fronteiras simbólicas impostas pelo patriarcado. De acordo com Bourdieu, as mulheres estavam restritas ao papel de espectadoras “desinteressadas das coisas sérias, tais como a política” (127). Ao vislumbrarem o mundo para além das fronteiras, depararam-se com ainda mais motivos para fazer da literatura um espaço de resistência.

Ao articular em si realidade e ficção, a literatura ganha potencial de resistência, como faz a protagonista-narradora: “Em certas ocasiões, sentia que esse universo fabricado pelo poder da imaginação tinha contornos mais firmes e duráveis do que a região confusa onde perambulavam os seres de carne e osso que me rodeavam” (Allende, 2010: 188). Diante da orfandade, das problemáticas de classe social, do analfabetismo, das desigualdades de gênero e da ditadura militar, Eva Luna assinala os valores e antivalores de seu meio, fazendo da escrita uma resistência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eva Luna*, narrada em primeira pessoa, apresenta adversidades subjacentes de classe social e da condição feminina. Em forma de relato, evidencia a força da voz das mulheres por meio da escrita, que a leva a subverter a ordem aparentemente natural da hierarquia entre os sexos.

Salientou-se, neste texto, o percurso das mulheres chilenas para o alcance do direito à educação. Alfabetizadas, atravessaram a fronteira entre o silêncio e a voz, sendo que a oralidade passou a ser desprestigiada logo que os homens puderam adentrar o território letrado. Após séculos de restrição, foram progressivamente alcançando certa credibilidade por meio da palavra escrita e, gradualmente, adentrando territórios masculinizados.

A literatura foi um desses espaços. Assim, muitas escritoras utilizaram-na para contar a própria história, além de subverter os estereótipos de gênero representados pelas personagens femininas criadas por autores homens. É a partir da alfabetização que Eva, transformando suas narrativas orais em literatura escrita, começa a transpor fronteiras simbólicas com muito mais facilidade. Assim, o poder da literatura de autoria feminina na América Latina foi enfatizado. Observou-se que, mesmo quando não levantou qualquer bandeira, a literatura de autoria feminina se

desenrolou concomitantemente ao feminismo, demonstrando seu caráter ideológico.

As narrativas compõem um traço tão característico da protagonista, que outras personagens referem-se a ela como “aquela que contava histórias”. A vulnerabilidade enquanto permanece analfabeta é enfatizada pelo talento para a contação de histórias. Apesar de lhe conferir sobrevivência, seu talento só passa a lhe entregar autonomia e realização pessoal a partir da alfabetização que se dá aos quinze anos de idade. Ao adquirir a habilidade de leitura e escrita, a personagem demonstra os limites da oralidade e, a partir de então, desenvolve independência financeira e suas narrativas passam a ser prestigiadas. A conexão entre o desamparo e a oralidade de Eva indica a alusão da trajetória vivenciada pelas mulheres pelo direito à educação.

Tal como realizado pela autoria feminina na América Latina, após conquistar espaço para expor suas narrativas, Eva Luna faz de sua escrita um meio para subverter os estereótipos femininos, não apenas por meio da representação das personagens femininas, mas também por meio da tematização política, que anteriormente era restrita aos assuntos masculinizados.

Em momentos de crise, como a ditadura militar, enquanto as problemáticas de gênero e de classe social são realçadas, torna-se ainda mais necessário o repúdio aos valores sociais opressores. Quando articulada à resistência, a literatura substitui tais valores por um protagonismo marginalizado que olha para o território descentralizado em que se encontra e que, através de diversos atos de resistência, busca reterritorializar, reconstruir identidades. Buscou-se demonstrar precisamente estes movimentos realizados pela protagonista-narradora Eva Luna, que resiste por meio da escrita, atravessando, dessa forma, as fronteiras simbólicas do patriarcado.

## TRABALHOS CITADOS

- Allende, Isabel. *Eva Luna*. Trad. Luísa Ibañez. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- Allende, Isabel. *Reflexiones*. Disponível em: <http://www.isabelallende.com/es/musings> Acesso em: 31 out. 2020.
- Bonder, Gloria. “Mujer y Educación em América Latina: Hacia la igualdad de oportunidades”. *Monográfico: Género y Educación* 6. Revista Iberoamericana de Educación. Biblioteca Digital, 1994: 9-48. Disponível em: <https://rieoei.org/historico/oeivirt/rie06a01.htm> Acesso em: 8 de mai. 2020.
- Bosi, Alfredo. *Literatura e Resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.
- Castillo, Alejandra. “Feminismo, educación y democracia en Chile (1872-1925)”. *Pedagogía y Saberes* 33. Universidad Pedagógica Nacional, 2010: 73-82. <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/PYS/article/view/786> Acesso em: 02 de fev. 2020.
- Contreras, Sandra Palestro. “Feminismo no Chile: traços de ontem e de hoje”. *50 anos de feminismo: Argentina, Brasil e Chile: A construção das mulheres como atores políticos e democráticos*. Eds. Eva A. Blay e Lúcia Avelar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 2017.
- Hillesheim, Betina, Flávia Ramos e Lilían Cruz. “A salvação pela palavra narrada: o caso das “Mil e uma noites””. *Cadernos de Educação* 33. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, 2009: 219-230.
- Kirkwood, Julieta. *El feminismo como negación del autoritarismo*. Santiago: Flacso, 1983.
- Lemaire, Ria. “Repensando a História Literária”. *Tendências e Impasses: O feminismo como Crítica da Cultura*. Ed. Heloisa de Buarque. Rio de Janeiro: Roxo, 1994: 58-71.
- Lobo, Luiza. *A Literatura de autoria feminina na América Latina*. Registros do SEPLIC: Editora Departamento de Ciência da Literatura, 1997.

Disponível em: <https://lfilipe.tripod.com/LLobo.html> Acesso em: 20/10/2020.

Ong, Walter. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1998.

Perrot, Michelle. *Minha história das mulheres*. Trad. Angela M.S. Correa. São Paulo, Contexto, 2007.

Pfeiffer, Erna. “Reflexiones sobre la literatura femenina chilena”. *Literatura chilena hoy: la difícil transición*. Eds. Karl Konut e José Morales Saravia. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt/Main: Vervuert, 2002.

Schneider, Liane. “Mulheres e Resistencia: Poesia Indígena em Foco no Canadá e no Brasil”. Eds. Bertoni Licario e Patrícia Nakagome. *Literatura e Resistencia*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

Woolf, Virginia. *Um Teto Todo Seu*. Trad. Bina Nunes de Sousa e Glauco Mattoso. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Zolin, Lúcia Osana. “Crítica Feminista”. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Eds. Thomas Bonnici e Lúcia Osana Zolin. Maringá: Eduem, 2005.

Zolin, Lúcia Osana. “Estratégias de Suberificação na Ficção Contemporânea de Mulheres: Exílio, Migração e Outros Deslocamentos”. *Literatura e Resistencia*. Eds. Regina Dalcastagnè e Berttoni Licario. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.